



**UCSAL  
UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
DO SALVADOR**

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL**

**MARINALVA GUALBERTO DE SOUZA DE FREITAS**

**A CRIANÇA E O ADOLESCENTE NA CLÍNICA NUMA PERSPECTIVA DA  
LOGOTERAPIA**

**Salvador**

**2021**

**MARINALVA GUALBERTO DE SOUZA DE FREITAS**

**A CRIANÇA E O ADOLESCENTE NA CLINICA NUMA PERSPECTIVA DA  
LOGOTERAPIA**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Logoterapia e Análise Existencial.

Orientadora: Me. Lorena Bandeira Melo de Sá

**Salvador**

**2021**

## A CRIANÇA E O ADOLESCENTE NA CLÍNICA NUMA PERSPECTIVA DA LOGOTERAPIA

Marinalva Gualberto Souza de Freitas<sup>1</sup>

Lorena Bandeira Melo de Sá<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e analisar as possíveis contribuições teóricas e práticas da Logoterapia e Análise Existencial a partir da clínica logoterapêutica no Universo Infanto-Juvenil. A Logoterapia e Análise Existencial, criada por Viktor Frankl apresenta o ser humano, como um ser em busca de sentido, constituído pelas dimensões biopsiconoética. Sendo a noética aquela na qual o homem encontra forças para ir ao encontro de um sentido para a vida. Como a criança é considerada um ser em desenvolvimento e a adolescência uma fase de adaptação a vida adulta, período de desenvolvimento e construção da personalidade, buscou-se na literatura informações que indiquem como é possível apelar à dimensão espiritual destes grupos. A pesquisa foi realizada em caráter bibliográfico explicativo e pretende mostrar como a Logoterapia é capaz de ajudar na construção de valores, no encontro com o sentido da vida e no despertar da consciência das crianças e adolescentes. Para chegar a esta conclusão, foi feita a revisão bibliográfica utilizando os marcadores: Infância, Desenvolvimento, Psicologia, Psicologia, Logoterapia e Análise Existencial, Adolescência, Clínica Psicológica com Crianças e Adolescentes.

**Palavras-chave:** Psicologia. Logoterapia. Infância. Adolescência e Clínica Psicológica.

### RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo presentar y analizar los posibles aportes teóricos y prácticos de la Logoterapia y el Análisis Existencial desde la clínica de logoterapia en el Universo Infantil y Juvenil. La Logoterapia y análisis existencial, creado por Viktor Frankl, presenta al ser humano, como un ser en busca de sentido, constituido por las dimensiones biopsiconoéticas. Noética es aquello en lo que el hombre encuentra la fuerza para encontrar un sentido a la vida. Dado que el niño es considerado un ser en desarrollo y la adolescencia es una fase de adaptación a la vida adulta, un período de desarrollo y construcción de la personalidad, se buscó información en la literatura para indicar cómo es posible apelar a la dimensión espiritual de estos grupos. La investigación se realizó con un carácter bibliográfico explicativo y pretende mostrar cómo la Logoterapia es capaz de ayudar en la construcción de valores, en el encuentro con el sentido de la vida y en el despertar de la conciencia de niños y adolescentes. Para llegar a esta conclusión se realizó una revisión bibliográfica utilizando los marcadores: Infancia, Desarrollo, Psicología, Psicología del Desarrollo, Logoterapia y Análisis Existencial, Adolescencia, Clínica Psicológica con Niños y Adolescentes.

**Palabras clave:** Psicología. Logoterapia. Infancia. Clínica de Adolescencia y Psicología.

---

<sup>1</sup> Pedagoga, Psicóloga, Pós-graduada em Orientação Educacional e Educação Matemática. Experiência em atendimento a criança e adolescentes e idosos. E-mail: marinalvagalberto@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Professora da UPEB e Centro Universitário Maurício de Nassau. Doutoranda em Psicologia Cognitiva na UFPE. Mestre em Ciências das Religiões pela UFPB. E-mail: psique.lorena@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

O despertar deste presente trabalho surgiu do interesse de investigar *como acontece uma intervenção clínica numa visão logoterapêutica, no universo Infanto-juvenil?* Sendo este campo pouco explorado e por não apresentar ainda uma vasta literatura, lança-se mão a procura de conteúdos que venham preencher os pressupostos logoterapêuticos que ofereçam entendimento e contribuições para compreender esta temática.

Para deslizar no conteúdo desta pesquisa, necessário se faz que comecemos pelo breve histórico deste ser em desenvolvimento, na construção da sua personalidade. Sua evolução, suas conquistas e suas inserções na sociedade como um ser que será responsável pelo seu estar e ser no mundo. Este ser e estar no mundo é cercado de situações as quais deverão ser enfrentadas em busca de um significado. Para ajudar este ser a encontrar sentido temos a Logoterapia e Análise Existencial, criada por Viktor Frankl. Psiquiatra vienense que apoia os pressupostos antropológicos e cria esta teoria para atender e compreender o homem em todas as suas dimensões: biológica, psicológica e espiritual. Sendo que, nesta dimensão espiritual ou noética é que reside *a força desafiadora do espírito* (LUKAS, 1989), que impele o homem a encontrar um sentido para a vida através dos valores: criativos, vivenciais e atitudinais.

A criança, que em tempos remotos fora visto como um adulto em miniatura, cercado de compromissos desde a tenra idade, hoje, ocupa um lugar especial na literatura de vários teóricos, desde o desenvolvimento fetal até atingir a fase conflituosa normal da adolescência. Podemos citar por exemplo: Jean Piaget – o desenvolvimento humano é construído através de estágios, numa interação com o meio; já para Vygotsky – o desenvolvimento humano é construído através do processo de interação e mediação; Klein, Winnicott e Erikson – procuram entender o desenvolvimento humano a partir das motivações conscientes e inconscientes. Winnicott desenvolveu o seu trabalho terapêutico voltado para criança dando ênfase ao brincar; Merleau-Ponty - filósofo francês – afirmou que o fenômeno da aquisição de comportamentos na infância é compreendido a partir da imitação; Martin Buber – filósofo da relação – aponta que a relação é ontológica: Eu-Tu, e a experiência objetivamente, Eu-Isso.

Adentrando mais um pouco, vamos encontrar algumas pinceladas sobre a Logoterapia, seus pressupostos e a visão de alguns estudiosos sobre esta abordagem. Para ele, a psicoterapia deve ser orientada pelo espiritual e transformada em análise existencial para que o ser se aproxime de si mesmo e não do sintoma (LUKAS, 1989). A Logoterapia tem como objetivo central reforçar e ampliar a parte saudável do homem para que esta possa influenciar a parte patológica

(KROEFF, 2014). De acordo com esta abordagem, o sentido da vida está sempre disponível para o ser humano mesmo diante do que se chama tríade trágica; sofrimento, culpa e morte. Sánchez (2009), diz que é desde a infância que o homem orienta o sentido e na companhia dos adultos a voz da consciência ou é assegurada ou extraviada. Prosseguindo, veremos que a criança é reconhecida pela ONU como uma pessoa em condições essenciais de desenvolvimento que deve ser tratada como sujeito de direitos legítimos e indivisíveis e que exige atenção prioritária da sociedade, da família e do Estado. Hoje, contamos com o Estatuto da Criança e do Adolescente, aprovado pela ONU, e o Código de Menores criado em 1927, alcançando seu ponto máximo em 1979, com o sentido de dar primazia à vida da criança e do adolescente.

A literatura sobre este contexto ainda está sendo estruturada. Há dificuldade em encontrar material relacionado à Logoterapia aplicada neste universo. Entretanto, a Logoterapia como ciência precisa e deve ser aplicada com mais frequência. A intervenção clínica neste espaço terapêutico, com esta abordagem, pode ajudar na orientação para uma vida de realização de valores existenciais. Segundo Sánchez (2014), ainda são poucos os aportes para a clínica logoterapêutica com crianças. Buscamos nas fontes encontradas o que é mais relevante para enfatizar a importância da aplicação da Logoterapia na clínica com crianças e adolescentes, pois esta é uma fase da construção de valores e que demanda uma orientação pautada em base autorreflexiva. Citaremos aqui, a prática de alguns logoterapeutas que encontram sentido na sua profissão e foram capazes de despertar a autotranscendência por meio do encontro pessoal, existencial e de métodos e técnicas próprios da Logoterapia. Como a psicóloga Sánchez é considerada como a pioneira, por desenvolver um trabalho com uma proposta própria, na linha humanista e existencialista. Os psicólogos Elisabeth Lukas e Paulo Kroeff, através do diálogo socrático, que despertaram o autoconhecimento e autotranscendência nos seus pacientes.

O presente artigo visa apresentar algumas contribuições e reflexões logoterapêuticas para compreender a intervenção na clínica infanto-juvenil. Esta pesquisa tem caráter qualitativo, com formato exploratório, na qual será partilhada uma revisão de literatura. A pesquisa bibliográfica tem por objetivo conhecer as contribuições da Logoterapia para uma intervenção no universo Infanto-juvenil disponível para o tema em questão.

## 2 BREVE HISTÓRICO SOBRE A CRIANÇA E O ADOLESCENTE

Como vimos à infância adquire destaque, no decorrer da história. A sociedade contemporânea construiu um olhar diferente da sociedade medieval, pois o desenvolvimento da criança é visto de acordo com o período em que está inserida. A partir do momento que a criança passou a ser estudada e analisada não só pela área da Medicina e Psicologia, mas também sob o viés da filosofia, Antropologia, História e Sociologia, ampliou-se a visão e, conseqüentemente, as possibilidades de compreensão sobre a mesma. Neste sentido, atualmente considera-se a infância uma categoria social e a criança como sujeito (ARIÈS, 1981). Portanto, a criança é o que é, e não o que deve ser. Para melhor compreensão deste percurso, citaremos Philippe Ariès, como um dos pioneiros nos estudos históricos da infância por apresentar importantes contribuições através de vasta literatura.

Para Ariès (1981), a idade cronológica não era valorizada na Idade Média. Só a partir do século XVI é que começou a receber um significado maior com as transformações que começaram a se processar através das ações dos reformadores religiosos e civis. A criança passa a ser educada pela própria família, criando assim um laço afetivo e a responsabilidade de oferecer meios para sua felicidade.

A intimidade e a vida privada da família moderna propõem novas relações familiares, acompanhadas por mudanças de valores, especialmente em relação à educação da criança. A criança assume um lugar central da família, pois se antes era cuidada de forma difusa e dispersa pela comunidade em geral, passará a ser responsabilidade dos pais e também dona e herdeira das riquezas materiais e valores sociais (ARIÈS, 1981, p. 50).

De acordo com Ariès (1981), é a partir do século XIII, que a imagem de criança vai se transformando, pois surgiram desenhos com uma forma mais semelhante ao sentimento de infância vivido atualmente. A partir do século XIV, observa-se que as figuras retratavam as idades da vida, onde se encontra, primeiramente, a idade dos brinquedos; em seguida, a idade da escola; depois, a idade do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria; da guerra e da cavalaria e, finalmente, as idades dos homens da lei, da ciência ou do Estado (ARIÈS, 1981).

As "idades da vida" ocupam um lugar importante nos tratados da Idade Média(...). As "idades" "idades da vida" ou "idade do homem" correspondiam no espírito de nossos ancestrais as noções positivas, tão conhecidas, tão repetidas e tão usuais, que passaram ao domínio da ciência ao da experiência comum (ARIÈS, 1981, p. 4).

A partir do surgimento das escolas, nota-se que não havia uma idade que determinasse o ingresso da criança na mesma, principalmente se pertencesse ao sexo feminino. Dos séculos XV até o século XVII, a escola se dedica a educação, tendo como base os elementos psicológicos. Sendo que o final do século XVI, é marcado pelo respeito à infância, e o XVII serve de palco para um novo sentimento de infância: a moralidade. A criança passa a ser vista como um ser frágil que deve ser protegido, preservado e educado.

A partir do século XVIII, a família, a sociedade, começaram a ter um novo olhar para as crianças. Os principais elementos que ocasionaram mudanças no papel das crianças na sociedade são: os processos sociais, e econômicos, que sustentam a solidificação do capitalismo. A sociedade passa então a ter certa preocupação quanto ao futuro da criança, cuja inclusão na sociedade produz novos significados, respondendo as oportunidades e limites econômicos que surgem a partir da Revolução Industrial (DOURADO, 2009). Para Ariès: O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças; corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia (ARIÈS, 1982, p. 99). De acordo com Silva (2011), destacam-se no Brasil colonial três categorias distintas de infância: as crianças da elite, as indígenas e as crianças filhas de escravos negros. Filhos de escravos eram vendidos ou iam trabalhar em casas dos barões. As nativas sofreram o processo da aculturação com a chegada dos jesuítas. Os nobres compravam escravos crianças para acompanhar seus filhos nas brincadeiras, porém recebiam maus tratos (ARIÈS, 1981).

Após a libertação dos escravos, as crianças negras continuam a realizar tarefas iguais às que faziam antes. No final do século XIX e início do século XX, o trabalho infantil passa a ser explorado pelas indústrias. O reconhecimento da infância abre caminhos para a construção de conhecimentos e teorias. Para compreensão deste fenômeno podemos citar a Psicologia do Desenvolvimento como base destes saberes: “o desenvolvimento é um processo contínuo e ininterrupto em que os aspectos biológicos, físicos, sociais e culturais se interconectam, se identificam reciprocamente, produzindo indivíduos com um modo de pensar, sentir e estar no mundo absolutamente singulares e únicos” (BOCK, 2008, p. 116).

Para assegurar os direitos fundamentais da criança foram criados documentos a fim de dar visibilidade à criança e ao adolescente, pois estes não eram vistos como sujeito pelas leis. A partir desta criação eles são reconhecidos como sujeitos de direitos, em condição peculiar de desenvolvimento e com prioridade absoluta, além disso, reafirmou a responsabilidade da família, do estado e sociedade, pela sua proteção. O primeiro documento criado foi o Código de Menores em 1927, o qual sofreu uma modificação em 1979, com maior abrangência, com a

perspectiva de garantir uma prioridade à vida da Criança e do Adolescente, resultado de uma construção coletiva, amparado pela Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Aprovado pela ONU, em 20 de novembro de 1989 e assinado pelo Brasil em 26 de janeiro, sendo aprovado pelo Decreto Legislativo nº 28, de 14 de setembro de 1990. O primeiro artigo desta lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Logo o Estatuto da Criança e do Adolescente, muda a concepção social e cultural das crianças e dos adolescentes do Brasil. Surgiu da necessidade de um reordenamento jurídico, e veio para colocar a Constituição em prática e concretizar o artigo 227. Vê-se, portanto que este documento representa um avanço significativo nas conquistas da criança e do adolescente, pois até o século XIX, não havia proteção para esta clientela.

De acordo com as leituras, podemos dizer que a partir do século XX este cenário recebe uma nova roupagem. Crianças e adolescentes passam a ter direitos e são encarados como sujeitos de direitos. Assim como o reconhecimento da infância abre caminho para construção de conhecimentos, a adolescência também faz parte deste rank tendo como base a psicologia do Desenvolvimento.

A adolescência tem sido vista na Psicologia como uma fase de desenvolvimento que apresenta características especiais. Neste período o lado emocional é muito confuso, com oscilações de sentimentos, eles sofrem mudanças conflitantes, levando-os a fragilidade psíquica, sofrimento pela busca de autonomia, que o impele a agir de maneira compulsiva e agressiva. No século atual, a adolescência já se distancia do século XX, o que caracteriza o jovem de hoje, é a sua inserção nesta sociedade de consumo, e o enfrentamento as mudanças aceleradas da sociedade contemporânea e a falta de um sentido significativo de um estímulo para acompanhar as mudanças desta sociedade volátil, neste momento de passagem, o qual implica na busca de novos ideais do eu. Diante disso, necessário se faz que haja uma ajuda para a busca deste sentido de maneira significativa. De acordo com a literatura frankliana este sentido é sempre singular e único e deve ser descoberto, pois ele se encontra fora do sujeito. Esta descoberta acontece através da realização de valores que são possibilidades que ampliam a busca pelo sentido da vida por meio das barreiras egóicas. Este sentido é encontrado por três vias: Fazendo uma ação, realizando tarefas, e amando uma pessoa; estas ações são os valores, criativos, vivenciais e atitudinais.

### 3 ANTROPOLOGIA FRANKLIANA E O SENTIDO DA VIDA

A Logoterapia constitui uma linha de psicoterapia que tem por principal objetivo ajudar o paciente a encontrar um sentido para a vida, pois entende que o ser humano possui a força desafiadora do espírito que o impele a autotranscendência. A busca pelo sentido é uma atividade natural do ser humano, pois para Frankl, o homem é um eterno buscador de sentido. Este sentido está fora do sujeito e deve ser encontrado, e é orientado pela consciência. E somente o homem é capaz de questionar sobre sua existência e solucionar os problemas das situações que a vida lhe apresenta. A descoberta do sentido da vida se dá através das experiências realizadas durante a existência e a condição de superar as dificuldades apresentadas, isto só é possível porque o homem tem a capacidade de autotranscender e autodistanciar. Ele se torna realmente humano quando abrange o seu grau superior, mediante estas três ações: quando se esquece de si mesmo; coloca-se a serviço de algo ou quando se entrega ao amor de outra pessoa; estas possibilidades são os valores e ampliam a busca pelo sentido da vida. Além disso o homem é um ser integral e natural, com três dimensões: a somática, a psíquica e a noética. Esta última onde residem a liberdade, a responsabilidade e a força desafiadora do espírito que lhe dá a condição de suportar qualquer coisa. Porém, o homem contemporâneo sofre com as mudanças aceleradas da sociedade e não se dedica a busca do sentido da sua existência, por isso tende a sofrer com este vazio. O psicofísico pode adoecer por não saber entender o para quê da sua existência, a fim de dar ao sofrimento um sentido concreto, um novo sentido ao mundo que o cerca. Na literatura frankliana este não é entendido como uma patologia e sim como uma prova de humanidade quando o ser humano, entretanto pode causar uma reação patológica quando o ser humano não pratica o valor atitudinal.

A Logoterapia, portanto, é uma Psicologia que, sem perder o rigor científico, introduz a noção de transcendência na ciência do ser humano. Vai além da imanência, rumo à transcendência, transformando-se numa mensagem libertadora do ser humano ao libertá-lo dos determinismos tanto psicológicos como sociais (FRANKL, 2017). Vê-se, portanto, que o pensamento de Frankl, traz para Psicologia uma importante página na sua história, por suas reflexões tanto antropológicas quanto filosóficas (FRANKL, 1978; 2017). Sua visão do ser humano como parte integrante do universo apresenta um novo homem, com uma dimensão mais extensa, acrescenta a dimensão noética, formando assim um ser integrado multidimensional, biopsiconoético envolvido com o social. O homem passa a ser visto como uma unidade na pluralidade e deve ser respeitado em sua unicidade, pois cada ser é único e indivisível.

O *homem patiens* move-se entre os pólos da realização e do desespero, conflito causado pela falta de sentido para a própria vida. a sociedade revela abundâncias de bens materiais como também de informações; assim, o homem é bombardeado por estímulos sensoriais. Por conseguinte, ele precisa saber o que é significativo para sua existência.

Diante disso podemos dizer que a Logoterapia é caracterizada pelo foco no aspecto humano, numa abordagem fenomenológica, e "procura criar no paciente uma consciência plena da própria responsabilidade (FRANKL, 2017, p. 134). Cada pessoa tem sua própria tarefa específica na vida que está a exigir realização e precisa ser executada. De forma que a pessoa não pode ser substituída e a sua vida não pode ser repetida (FRANKL, 2015). Logo, o ser humano é responsável por dar resposta certa para as perguntas, encontrando o verdadeiro sentido de uma situação (FRANKL, 2015). Vê-se, portanto que o ser humano possui a habilidade de exercer a sua própria liberdade, agindo com responsabilidade, pois as suas escolhas marcam a sua existência. Esta forma de percepção de sentido é um construto de proteção ao ser humano, porém quando esta é frustrada gera conflito, pode haver o adoecer do psicofísico. Através dos seus casos clínicos, Frankl explicava que as demandas mais frequentes dos seus pacientes eram uma sensação de vazio existencial causada pela frustração da vontade de sentido. Vê-se, portanto, que a Logoterapia trata de questões profundamente humanas e que a sua prática se torna plausível para o universo Infanto-juvenil.

Frankl resgata uma estrutura do ser humano biopsiconoético, ou seja, vê o homem como um ser multidimensional envolvido com as questões sociais, sendo que o noético é quem dá condição de autotranscender e orientar-se para o sentido em função do logos. Nota-se isso desde Sócrates, com a sua ideia sobre uma antropologia: a antropologia filosófica onde se investiga a estrutura do ser humano. Tornando-se mais tarde defendida por Scheler e abraçada por Viktor Frankl. Ao longo de suas reflexões, Frankl sustentará que não há psicoterapia sem filosofia do homem e que na base de toda e qualquer concepção psicológica encontraremos uma precisa e determinada concepção antropológica (PETER, 1943, p. 8). Frankl afirma que a unidade antropológica do homem, contudo, apesar da multiplicidade ontológica do corpóreo, do psíquico e do espiritual, só pode ser compreendido no sentido ontológico dimensional.

Frankl mostra a imagem filosófica do homem, através de premissas ontológicas, que procederá à sua ontologia psicoterápica, e afirma que é na imagem do homem e na filosofia que se tem a chave para a psicoterapia, e o psicoterapeuta, deverá ser criativo para se ajustar as diversas situações apresentadas, pois cada ser é único e indivisível e a problemática é individual.

De acordo com a literatura visitada, Viktor Frankl, apresenta quatro afirmações, que constituem a sua concepção de homem: 1 – O homem é um ser espiritual; 2 – É capaz de

autodeterminar-se; 3 – Orienta-se primeiramente, para o significado e valores; 4 – A autotranscendência pertence de maneira essencial ao ser humano. Destas premissas ontológicas procederá a antropologia psicoterapêutica de Frankl (PETER, 1943, p. 12). Segundo a literatura frankliana a segunda premissa é que o homem é um ser capaz de se autodeterminar. Esta se torna a coluna de sustentação antropológica da Logoterapia. (PETER, 1943, pp. 18-19).

A orientação de Frankl, parte do espiritual, vai na direção do espiritual e trata do espiritual (PETER, 1943, p. 28). “Vale salientar que este caminho é percorrido pela Logoterapia, que é vista como um sistema fenomenológico-analítico-terapêutico” e se baseia na filosofia do homem e na sua existência pautada em três conceitos espiritualidade, responsabilidade e significatividade" (PETER, 1943, p. 28). Frankl corrobora somente colocando o olhar no ser espiritual, na sua tensão fundamental aos valores e aos significados, é que poderá desvendar a significatividade do real e poderá aparecer em toda a plenitude, o significado do ser.

Logo para Frankl (2016; 2011), o homem é uma unidade apesar da pluralidade, pois existe uma unidade antropológica, apesar das diferenças ontológicas e das diferenças entre as espécies. Portanto, segundo o que foi exposto, a psicoterapia deve seguir todas as dimensões dando atenção as ações do paciente, observando sua fala, seus gestos, seu envolvimento com a relação dialógica. Para Lukas (1989), estas três dimensões não podem ser separadas, e diz que a dimensão espiritual/noética é aquela pela qual a pessoa humana é capaz de valorar, posicionar-se e decidir. Esta é a dimensão especificamente humana. Portanto podemos dizer que: o que define a característica da existência é a existência entre a unidade antropológica e as diferenças ontológicas - uma unidade estruturada.

Deste modo podemos afirmar que: a Logoterapia criada por Viktor Frankl, a partir de sua experiência no campo de concentração, concebe uma visão de homem diferente das demais concepções psicológicas do seu tempo. Vem propor a compreensão da existência, diante dos fenômenos especificamente humanos e da identificação noética, a qual pela sua dinâmica pode despertar a busca pelo significado da própria existência. Vale salientar que para entendermos a sua proposta antropológica, necessário se faz compreender o ser humano em todas as suas dimensões, e entender à sua maneira de agir no percurso de sua existência, numa visão biopsicoespiritual.

#### 4 APROXIMAÇÃO DE ALGUNS TEÓRICOS COM A LOGOTERAPIA

O desenvolvimento é um processo contínuo e ininterrupto em que os aspectos biológicos, físicos, sociais e culturais se interconectam, se influenciam reciprocamente produzindo indivíduos com um modo de pensar, sentir e estar no mundo absolutamente singulares e únicos (BOCK, 2008, p. 116). Nesta construção destaca-se a Psicologia do Desenvolvimento que toma a infância como objeto de estudo, e que se consolidou a partir dos primeiros testes mentais e sua aplicação. A partir do século XIX, a Psicologia do Desenvolvimento encontrou nos EUA um espaço para o seu desenvolvimento na figura de Stanley Hall (1844-1924), autor do primeiro livro sobre a adolescência. Neste universo de construção de saberes citaremos teorias que mais se aproximam da Logoterapia e que ofereça uma conexão com o objetivo desta pesquisa.

Começaremos por Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Para ele a base do conhecimento está na capacidade de perceber o que nos cerca e no processo de dar significado ao que foi captado pelos sentidos. Outra questão central para o autor é a noção de uma consciência perceptiva, solidária com o corpo o corpo apresenta flexibilidade e visibilidade. A experiência inicial do corpo consigo mesmo é uma experiência que se propaga e se repete na relação com os outros (MERLEAU-PONTY, 1980). Para Merleau-Ponty a liberdade é sempre o encontro do nosso ser interior com o exterior e a escolha que fazemos têm sempre lugar. Sobre as situações dadas às possibilidades abertas. A aquisição da linguagem segue o mesmo processo, a criança imita o outro em relação com o meio, momento em que exerce a sua liberdade no ato de aprender.

Vê-se, portanto, que as noções de liberdade e cultura possibilitam a compreensão da relação da criança, ou seja, um reconhecimento de si mesma. Para Merleau-Ponty, a maior dificuldade para entender e compreender o tema infância é tentar vê-lo como adulto, pois as crianças também possuem o seu momento próprio, elas possuem visões de mundo diferentes, suas experiências são pertinentes ao universo da criança. Porém, ainda não compreendem as relações culturais e sociais como os adultos, por isso os adultos devem tentar entender as problemáticas infantis, servindo de mediador, para ajudar a sua inserção no mundo que o cerca.

Para Machado (2007), é na relação que o ser humano que tem a possibilidade de descobrir o outro e o mundo. Para Merleau-Ponty a compreensão do homem só é possível através de sua existência no mundo mediante as suas experiências. Martin Buber (1898-1965), conhecido como o filósofo do diálogo e da relação, e Merleau-Ponty (1908-1961) têm um ponto em comum quando afirmam que o homem enquanto ser está situado no mundo em relação com o

outro através da linguagem. Para Buber, a linguagem é portadora do ser que se constrói através da dualidade de atitude, através das palavras Eu-Tu e Eu-Isso; as quais fundamentam a existência humana. A sua antropologia filosófica nos ajuda a compreender e perceber o outro numa relação dialógica entre EU-TU nas atividades reveladas. As palavras-princípio estabelecem dois modos de existência: a relação ontológica Eu-Tu e a experiência objetivante Eu- Isso (BUBER, 2001).

A relação com o Tu é imediata. Entre o Eu-Tu não se interpões em nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia; é a própria minoria se transforma no momento que passa por detalhes a totalidade. Entre Eu e Tu não há fim algum, nenhuma avidez ou antecipação(...). Todo meio é obstáculo. Somente na medida em que todos os meios são abolidos acontece o encontro (BUBER, 2001, p. 59).

Para ele o essencial é ter habilidade de relacionar-se com o outro e na reciprocidade é que se concretiza a relação. Para Buber, o encontro atravessa épocas e espaço e nos leva a um pensamento reflexivo, a um perceber o outro numa relação dialógica entre o Eu-Tu. “A pessoa aparece no momento em que entra em relação com outras pessoas” (BUBER, 2001, p. 92). Ele também dá ênfase ao espiritual (BUBER, 2001). A sua busca pelo espiritual se dá à medida que concebe o espiritual como comumente entrelaçado com o mundo com a vida com ação. Esta sua relação com o espiritual, traz nas entrelinhas a visão da autotranscendência, vista na literatura frankliana, momento em que o homem alcança o grau superior, ou seja, onde o ser humano se torna mais humano. Para Buber (2001), o anseio por relação surge desde o início da vida, percebe-se desde o primeiro grito, os balbucios que serão transformados em futuros diálogos. A criança vive a imitar e admirar o outro. Este outro, o TU, terá um papel relevante na formação do eu. Ele afirma que os movimentos reflexos, são responsáveis pela construção do ser humano no mundo. Buber nos diz: “A criança tem um prazo para substituir a ligação natural, que a unia ao universo, por uma ligação espiritual, isto é, a relação. [...] A criação revela a sua essência como forma no encontro daqueles que a sabem buscar [...] nada se revela senão pela força atuante na reciprocidade do face a face” (BUBER, 2001, p. 69). Vê-se, portanto, que Martin Buber, apresenta o homem como um ser em relação, uma relação dialógica, e através da palavra. É na antologia da palavra que o ser humano se situa no mundo e com os outros, se tornando mais humano. A pessoa aparece no momento em que entra em relação com outras pessoas (BUBER, 2001, p. 92).

Winnicott (1896-1971) trouxe importantes contribuições, geradas pelas suas observações que contribuíram aos estágios do desenvolvimento emocional, que contribuiu para a construção do psiquismo e também pelas suas ideias que fundamentaram sua atuação na clínica com crianças e adolescentes. Médico pediatra, psiquiatra infantil se destacou no atendimento a infância traumatizada, resultado da Segunda Guerra. Para formulação da sua teoria parte do princípio de que todo indivíduo tem uma tendência inata para amadurecer, mas que isso, só é possível, se a pessoa tiver um ambiente facilitador na primeira infância. E nesse período que se formam a base da personalidade e da saúde mental. O seu maior destaque foi à forma de ver a primeira infância. Afirmar que aos bebês devem ser dada uma boa base, para que no futuro eles sejam adultos saudáveis, independentes, porém responsáveis. Para ele, tudo isso depende do vínculo criado entre mãe e bebê desde o ventre, pois mesmo no ventre, o bebê já é um ser humano único e que ao nascer já acumulou muitas experiências agradáveis e desagradáveis:

Em cada bebê há uma centelha vital, e seu ímpeto para a vida, para o crescimento e desenvolvimento é uma parcela do próprio bebê, algo que é inato na criança e que é impelido para frente de modo que não temos que compreender (WINNICOTT, 1964, p. 29).

A criança é uma pessoa e não apenas um corpo. A história do ser humano começa mesmo antes de nascer: "Um bebê não pode existir sozinho, sendo essencialmente parte de uma relação" (WINNICOTT, 1964, p. 99). Vejamos, pois que o desenvolvimento do ser humano é um processo contínuo e a capacidade de relação tem papel primordial no desenvolvimento do corpo e da personalidade. Para Winnicott, a sensibilidade da mãe é o pilar para que haja um envolvimento entre a criança e o mundo que o cerca. Para ele a criança amadurece, cresce, em inter-relação permanente com o ambiente e pelo brincar ela se apropria de experiências e se constitui através do espaço entre o real e a fantasia. E afirma que é apenas no brincar que o homem, criança ou adulto, pode desfrutar de sua personalidade de forma integral e da sua liberdade de criação. Winnicott afirma que brincar livremente é fundamental para que a criança estruture o seu self, e desenvolva a sua criatividade, ou seja, a capacidade de viver plenamente utilizando suas qualidades inatas para o desenvolvimento e amadurecimento saudável (WINNICOTT, 1964). Ainda segundo o pensamento winnicottiano:

Segundo as literaturas visitadas, ele afirmou que boa parte do que escrevia provinha de sua prática clínica, das experiências adquiridas nas observações dos seus pacientes. (...) A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas

do brincar, a do paciente e do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é desenvolvido no sentido o paciente de um estado em que ele não é capaz de brincar para um estado em que o é (WINNICOTT, 1964, pp. 77-80).

Com base em seus escritos podemos dizer que o ser humano saudável é emocionalmente maduro tendo em vista a sua idade do momento e que a maturidade envolve o ser humano em uma relação de responsabilidade com o ambiente (WINNICOTT, 1964, p. 30). Portanto, vê-se que Winnicott reconhece a importância do outro no papel da relação no desenvolvimento infantil. Logo, as suas contribuições tornam-se importantes para ampliar a visão sobre o atendimento psicoterápico no universo infantil, de acordo com as aproximações epistemológicas da Logoterapia.

## **5 CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA PARA UMA INTERVENÇÃO CLÍNICA NO UNIVERSO INFANTO-JUVENIL**

Vimos que a Psicologia como ciência supõe uma visão antropológica. E toda afirmação no campo psicológico está fundamentada em pressuposto filosófico (GRIFFA; MORENO, 2012, p. 8). Segundo Griffa e Moreno (2012), facilitamos a autoconsciência do biopsicosocioespiritual das crianças do que é transmitido pelas heranças, o psiquismo-temperamento e caráter que é resultado da educação principalmente dirigida pelos pais e escola, e o espiritual existe na realização da existência.

Diante do conteúdo exposto que serviu de âncora para esta pesquisa nota-se que tem por base a Logoterapia e a Análise Existencial. Frankl apresenta como uma dimensão especificamente humana, e tem a visão de homem sustentada por três pilares: a liberdade da vontade, vontade de sentido e o sentido da vida. (FRANKL, 2011). A vontade de sentido é uma faculdade humana, é a maior fonte de motivação, vincula-se ao motivo, e o homem decide como agir e para que usando a liberdade com responsabilidade. A liberdade de sentido, significa, a liberdade da vontade humana, constitui o primeiro pilar da visão de homem e se opõe ao determinismo. Frankl afirma que o homem é livre para tomar uma atitude diante de quaisquer situações que lhe apresente a vida, porém não está livre das contingências (FRANKL, 2016). A liberdade do homem não é liberdade de condições biológicas, psicológicas e sociológicas, mas a liberdade para tomar uma posição frente a quaisquer condições que possam confrontá-lo. Essa

tomada de posição faz o ser mais humano. Ela é a característica mais intrínseca do ser humano, que através da consciência encontra o sentido único de uma situação, ou seja, perceber uma gestalt. Este agir em liberdade deve acontecer com responsabilidade, pois o homem é mais do que um organismo psicofísico, é uma pessoa espiritual e nessa qualidade é livre. A liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até o último suspiro, configurar sua vida de modo que tenha sentido (FRANKL, 2017, p. 89). Esta capacidade eleva o ser humano e permite abertura a uma nova dimensão: a dimensão dos fenômenos noéticos, ou dimensão noológica, onde estão localizados os eventos tipicamente humanos. Para Frankl (1989b), a vontade de sentido é o interesse contínuo do homem pelo significado de sua própria vida. Esse sentido é único, exclusivo e específico. Segundo a literatura frankliana, a busca pelo sentido é a principal motivação da vida, ele é único e específico, é o equilíbrio da existência humana. O ser humano enquanto ser integrante de um universo moral guarda uma relação direta com o sentido da vida que é sustentado por um domínio ontológico o qual lhe dá condição de ser livre e responsável, numa dimensão espiritual, a qual o impele para a busca de realização de sentido para a própria vida. A Análise Existencial focaliza a luta do homem pelo sentido não apenas no sofrimento, mas também o sentido da vida.

Frankl compreende também a ideia de propósito vital, valores e respostas pessoais as questões que a vida lhe apresenta. A vida nunca cessa de abrigar sentido, pois até mesmo uma pessoa que se encontra privada de possibilidades do trabalho ou do amor, pode escolher livremente erguer-se sobre si mesmo e crescer para além de si (FRANKL, 2011). Esta busca segundo Frankl é movida pela vontade de sentido que submete ao princípio de prazer de Freud, e ao desejo de poder de Adler. Deve-se levar em conta a postura e a atitude que permite alcançar uma conquista. Este sentido é encontrado por três vias: fazendo uma ação, realizando tarefas, amando uma pessoa.

No que tange ao desenvolvimento infanto-juvenil, a Logoterapia se aplica no desenvolvimento de um projeto de vida orientado pela realização de valores que servirão como base para as futuras tomadas de decisão. Segundo Sánchez (2014; 2019), o processo de autoconsciência da criança não tem uma cronologia evolutiva determinada. Este é estabelecido pela integração com o organismo psicofísico, as relações interpessoais e as circunstâncias e experiências da vida de cada pessoa em particular. Sobre a espiritualidade na vida da criança podemos citar as contribuições de Cullyford:

El proceso de maduración noética, o espiritual exige un proceso de autoconsciencia que abra las posibilidades de elaboración de la realidad de

uma forma diferente, em donde se creon se construyen y se deseubrin los significantes de sentido, es decir todoaquello que nospermite orientar los pensamientos, las creencias, las emociones, lossentimientos y las acciones y por onde las decions CULLYFORD, 2015 *apud* SÁNCHEZ. 2014, p. 27).

Podemos complementar ainda com a afirmação de que:

A espiritualidade das crianças também é importante afirma Hyde, como base para encontrar significado, propósito e conexão duradoura ao longo de toda vida(...). Hyde sugere como os aspectos da espiritualidade das crianças podem ajudá-las a enfrentar perdas e outras formas de adversidade (...) a consciência espiritual das crianças precisa ser descobertas, reconhecida e acalentada para que se tornem pessoas holísticas desenvolvidas são apenas cognitivamente, mas também social, emocional e espiritualmente (CULLYFORD, 2015 *apud* SÁNCHEZ, 2018).

A clínica logoterapêutica com crianças é um campo novo, porém vem avançando no campo da psicologia clínica, a partir do século XIX, com atuação de alguns psicólogos e interesse de alguns autores. De acordo com as leituras realizadas, podemos dizer que este campo de atendimento estar a dar os seus primeiros passos. A psicóloga Clara Martinez, como pioneira no trabalho com crianças, cita o pedagogo holandês Martinus Jan Langeveld como destaque na aplicação do método fenomenológico na Pedagogia, realizando vários estudos sobre a criança. Ele cria a terapia do jogo, inspirado na fenomenologia Heidegger e Merleau-Ponty, e o trabalho de imaginação de Frederic, Jarobus Johannes Biujtendek, criando uma modalidade de intervenção com crianças chamada de comunicação por imagens (SÁNCHEZ, 2014). Este método é utilizado por vários terapeutas em sua prática.

Segundo Martinez (2014), Virgínia Axlene (1947), psicóloga suíça, é a primeira rogeriana a contribuir para a formulação de princípios básicos de modelo de psicoterapia infantil e humanista existencial. Centra suas terapias fundamentalmente na relação terapêutica. Desenvolve um método elaborando os princípios teóricos, para adaptá-los a terapia de jogo com as crianças, o qual denominou jogo na diretiva. De acordo com Sánchez (2014), não se encontra nenhuma proposta concreta sobre a intervenção clínica com crianças, causa da criação de sua própria intervenção. Ela acredita que a clínica da Logoterapia, em sua prática, facilita o processo de autoconsciência reflexiva, processo que permite a expressão espiritual na criança, diluindo as expressões sintomáticas do organismo psicofísico (SÁNCHEZ, 2014). Sánchez (2014) diz que:

Alguns não estão de acordo com essas propostas, dizem que a criança não está capacitada para encontrar sentido tão cedo e que a estruturação de sua personalidade lhe impede de clarificar a respeito da sua liberdade e responsabilidade. A prática clínica nos diz o contrário, E desde a infância que o homem orienta seu sentido na companhia de adultos facilitando que se extravie a voz de sua consciência (SÁNCHEZ, 2014).

O modelo de intervenção aplicado pela psicóloga é resultado de sua prática na clínica infantil é semidiretivo e sofreu influências dos fundamentos propostos por Virgínia Axline (*apud* SÁNCHEZ, 2014). São eles: aceitação da criança tal como ela é; a criança orienta o caminho; e o princípio dos limites, onde é fundamental que haja uma relação de respeito e tomada de consciência da responsabilidade da criança na relação. Esta relação é denominada por Frankl (2017) de encontro pessoal e existencial. De acordo com a literatura frankliana, a relação do encontro entre paciente x terapeuta, deve ocorrer numa relação dialógica EU-TU, que seja autêntica, pois o mais importante na terapia é o tipo de relação humana entre os parceiros desta relação. Vejamos, pois que na Logoterapia, o importante é o encontro autêntico, deve encontrar o logos e permitir aos participantes terapeutas e paciente, transcenderem a si mesmo, para o logos, promovendo a transcendência mútua, por meio do diálogo socrático. O terapeuta tem papel fundamental na autodescoberta do seu paciente. O termo logos significa sentido, que segundo Frankl, deve ser vivido de maneira que perceba as possibilidades, usando a liberdade com responsabilidades em seus atos criativos, vivenciais e atitudinais. Para Elizabeth Lukas, a Logoterapia não pode apenas ser ensinada através de teorias, ela precisa ser vivida na prática. Diante disso podemos dizer que o espaço terapêutico deve ser construído com a participação do paciente e terapeuta para que haja empatia e a criança sinta-se acolhida, culminando em fluidez na intervenção. Sánchez (2019) adverte que na clínica o logoterapeuta deve considerar: a própria vivência na infância, ou seja: a vivência com sua "criança interior" e pensar o consultório, como o espaço onde acontecerão os encontros com a clientela, e deve ser um lugar acolhedor para que a criatividade seja estimulada. Sánchez (2009), o processo terapêutico é dividido em quatro etapas: Encontros iniciais, Desenvolvimento, Encerramento e Encaminhamento:

Os pais são um ponto importante que dão confiança inicial e nos permite que compreendamos a meta do processo terapêutico. No final desse primeiro encontro eu compartilho isso sozinha com a criança para escutar suas inquietudes e sentimentos e, especialmente, iniciar o vínculo particular que facilitará os sentidos do encontro (SÁNCHEZ, 2019, p. 303).

Vê-se, portanto, que o diálogo entre terapeuta e família é de grande valia para entender a demanda trazida pelo paciente e para o bom desenvolvimento do processo terapêutico, o qual será ajustado às necessidades apresentadas. Pois para Logoterapia, o logoterapeuta deve estar atento as falas e colocações do paciente, para que haja uma boa investigação com o objetivo de uma possível intervenção. O diálogo socrático, uma escuta sensível e a criatividade ajudam a entender a demanda do paciente e ajudá-lo a mergulhar em si mesmo, ampliar a consciência reflexiva em busca de significado para a vida. Assumindo a responsabilidade do vir-a-ser. A Logoterapia especificamente enfoca a atitude do paciente. Para o diagnóstico, Sánchez diz que o essencial é que o logoterapeuta deve conhecer e empregar as ferramentas diagnósticas do (o DSM IV e o CID 10, por exemplo). Esta fase é a mais importante do processo terapêutico, deve ser usado com cuidado e zelo para que, o cliente, não seja enquadrado fora do contexto e arcar negativamente a vida deste ser que chega ao espaço terapêutico para um encontro com o sentido.

Sánchez (2009) denominou sua prática logoterapêutica de *Semáforos da Vida*, é caracterizado pelas cores de um semáforo: o vermelho representa os indicadores que estão dentro do alcance de risco; o amarelo representa um alerta- o ponto médio; o verde significa que o alcance de risco se encontra dentro do esperado. Este procedimento, segundo Sánchez, contribui para: orientar as áreas que precisam ser trabalhadas; possibilita o autodistanciamento, identificar as situações emocionais, cognitivas, físicas e familiares que estão impedindo a manifestação do espiritual na criança; e facilitar a identificação de recursos pessoais para enfrentar as situações e circunstâncias da vida de uma maneira diferente poder de resistência do espírito (SÁNCHEZ, 2019). Sánchez orienta: os objetivos terapêuticos são construídos juntamente com os pais e o paciente, durante as entrevistas com o auxílio do *Semáforo da Vida* Ela utiliza a técnica própria que lhe deu o nome de *Farol de Sentido*. Durante o Desenvolvimento, são trabalhados as técnicas e os métodos de intervenção, as tarefas existenciais; a *Ludologoterapia* (jogo socrático) e os encontros integrais, entre a família, colégio e terapeuta. A Etapa de Encerramento recebe o nome de *O encontro com o meu farol de sentido*. E por fim a etapa final é a Etapa do Encaminhamento na visão de Sánchez (2019):

A psicoterapia infantil centrada no sentido orientada a partir da Logoterapia, possui objetivos gerais que atravessam o processo de intervenção clínica que se desenvolvem independentemente dos objetivos específicos em cada caso particular. Os objetivos gerais que atravessam o processo de intervenção na clínica infantil são: facilitar o processo de autoconsciência na criança; trazer ao consciente, o inconsciente espiritual; revalorizar a pessoa. A facilitação do processo de consciência na criança acontece por meio de acompanhamento

da mesma no encontro com a consciência auto-refletiva esta é a consciência do saber sobre si mesmo (SÁNCHEZ, 2019).

Diante do exposto, podemos ver que é possível empregar a Logoterapia no espaço terapêutico infanto-juvenil, pois a criança é um ser em desenvolvimento, constituído das dimensões biopsicoespiritual. Segundo Lukas (1989), é possível perceber como um sofrimento pode se transformar em fonte de força, mesmo no caso de crianças pequenas. Esta conclusão advém de um atendimento realizado com uma criança de 06 anos, que através do brincar, as cenas de fantasias vieram à tona e a criança conseguiu elaborar o conflito familiar. O atendimento foi realizado em parceria com a pedagoga Doris Hiinger. Segundo Lukas, a sua colaboradora sabia aplicar com habilidade, os princípios da Logoterapia. Depois de algumas semanas de tratamento, as cenas traumáticas da criança deixaram de manifestar-se, as angústias domésticas reduziram, a menina passou a brincar com outras escolhas. Na última semana de tratamento, a mãe veio contar uma cena que aconteceu na aula de ginástica infantil que serviu para aplacar o trauma. A menina passou a dormir tranquilamente.

Kroeff (2014), relata adaptações da Logoterapia para crianças, tendo como base Elizabeth Lukas e Riviero de Carbone, no caso *Logoterapia e superação de evento traumático em uma criança*. A atuação terapêutica teve como fundamento uma frase de Viktor Frankl: "uma intervenção logoterapêutica [...] visa superar o sentimento de falta de sentido pondo em ação processos de busca (FRANKL, 1976, p. 8 *apud* KROEFF, 2014).

No caso atendido por Kroeff (2014) havia um bloqueio a ser superado, um bloqueio impedindo a realização de seus valores criativos e vivenciais. Então era necessário, encontrar meios de superar este obstáculo pondo em ação processos de busca (KROEFF, 2014). Segundo Kroeff a realização deste caso baseou-se no esquema proposto por Elizabeth Lukas para aplicar a Logoterapia, o qual é dividido em quatro fases. Primeira fase: Despertar e fomentar a capacidade de autodistanciamento. Segunda fase: Mudança de atitude (passagem de uma atitude psico-higienicamente enfermiça para uma atitude sã. Terceira fase: Redução dos sintomas e sustentação de uma estabilidade. Quarta fase: ampliação geral da orientação do sentido mediante a sensibilização para novas possibilidades de sentido (Lukas, s/d, p. 138 *apud* Kroeff, 2014). Vimos diante dos casos relatados que a Logoterapia das condições de realizar atendimento a clientela infanto-juvenil, com resultados significativos a uma descoberta. Vejamos que quando passamos a atender uma pessoa no consultório de psicoterapia, estamos realmente diante de um fenômeno existencial complexo que representa um ser humano com todas as suas dimensões de operacionalidade e de existência ou vida. Na verdade, o que vemos

desta pessoa são as projeções nos vários planos ônticos do ser-no-mundo, a partir deles, procuramos nos aproximar do ser espacial único e multifacetado que se apresenta com toda problemática existencial, sintomatológica e social.

De acordo com a literatura frankliana que serviu de base para esta pesquisa, conclui-se que apesar de Viktor Frankl, não se dedicar a criança encontramos em seus escritos muitas referências sobre criança. Vimos que é possível realizar atendimentos a este universo, conduzindo o ser a busca de um significado para um encontro consigo mesmo. Vê-se que todos os casos apresentados foram relatados após o atendimento com sucesso. Estes resultados advêm de uma tentativa de acerto, pautada no direcionamento do criador da Logoterapia, que ao apresentá-la deixa claro que a Logoterapia é aberta, e que o logoterapeuta, deve usar a criatividade, levando em conta que o ser a sua frente está a pedir socorro, para um ressignificar-se. No que se refere à clínica infanto-juvenil, o logoterapeuta deve vê no encontro o princípio da solução da problemática trazida pelo paciente, e este deve acontecer numa relação dialógica entre duas existências, no sentido Eu-Tu. Cabe ao logoterapeuta ter paciência, estar atento a todas as manifestações do paciente, pois este processo é uma parceria entre dois seres humanos que se tornam companheiros de viagem.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A literatura sobre este tema, ainda está sendo estruturada, porém a pesquisa realizada trouxe contribuições relevantes para entendermos a possibilidade de empregar os pressupostos logoterapêuticos neste universo. A Logoterapia é aberta e o logoterapeuta deve usar a criatividade e o imprevisto para desenvolver a clínica logoterapêutica com o público infanto-juvenil. Há um campo de possibilidades, desde que ao usar a criatividade se adeque à problemática presente, que facilite o encontro existencial e impele o ser a busca de um sentido significativo. Diante do exposto, considera-se que esta pesquisa é relevante por trazer contribuições significativas ao campo de estudo a prática da clínica com crianças e adolescentes na visão logoterapêutica. Espera-se que esta pesquisa abra caminho, para outros estudos sobre contribuições e aplicações da Logoterapia, por ser um campo novo, e pela ampliação dos psicólogos que estão a mergulhar nesta teoria compartilhando suas experiências que servirão de base a novas propostas para atuação neste universo.

## REFERÊNCIAS

- ARIÉS, P. **História Social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: 2a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- BOCK, A. M. B; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BUBER, Martin, **Eu e tu**. São Paulo. Centauro, 2001.
- DOURADO, A. C. D. **História da Infância e direitos da criança**. Disponível em: <http://plataformapesquisas.acasatombada.com.br/omeka/files/original/774f9c9bfd1ac99efc576ff4757455ff.pdf>. Acesso em: 02 de fev. 2021.
- FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 19. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal: Petrópolis: Vozes, 2017.
- FRANKL, V. E. **A vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da Logoterapia. Traduzido por Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.
- FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**: Um psicólogo no campo de concentração. Trad. W. O. Schulupp & C. C. Aveline. 37. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2015.
- FRANKL, V. E. **Fundamentos antropológicos da Psicoterapia**. Tradução de Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FRANKL, V. E. **Psicoterapia e Sentido da Vida**. Traduzido por Alípio Maia de Castro. 6a. Ed. São Paulo: Quadrante, 2016.
- GRIFFA, M. C; MORENO, J. E. **Chaves para a Psicologia do Desenvolvimento**: vida pré-atal - Etapas da infância. Tradução de Vera Vaccari. 7a. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. Tomo 1.
- ROBLES, Y. A. M. **Um olhar existencial sobre à morte ou finitude**. In: **Finitude e sentido da vida**: a logoterapia no embate com a tríade trágica. OLIVEDOS, O. L; KROEFF, P. K. (Orgs.). Porto Alegre: Evangraf, 2014. Volume 1.
- LUKAS, E. **Logoterapia: A força desafiadora do espírito**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- PAIVA, M. A. F. P. de. **Intervenção na Clínica Infantil**: Contribuições da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/2339>. Acesso em: 17 fev. 2021. Monografia de Graduação em Psicologia.
- PETER, R. **Viktor Frankl**: a antropologia como terapia. Tradução de Thereza Chistina Stummer. São Paulo: Paulus, 1999.
- SANCHEZ, Clara Martinez. **Caminos para uma crianza com sentido**. Educando desde la coherencia. Bogotá: Paulinas, 2019.

SANCHEZ, Clara Martinez. **Orientando a la infancia hacia el sentido.** Una mirada desde la logoterapia de Viktor Frankl. Bogotá: Ed. Faros de Sentido, 2014.

TONIOL, R. **O que faz a espiritualidade?** Rev. Relig. soc., Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 144-175, dez. 2017. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872017000200144&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872017000200144&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 07 de fev. de 2021.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente:** desenvolvimento dos processos superiores. 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo.** Tradução de Álvaro Cabral. 5a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.